

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2º SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

BARBARA ANDREA F BITTENCOURT

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

ONTEM E HOJE

Como todo o Rio de Janeiro sabe, o seu centro social foi deslocado da Rua do Ouvidor para a avenida e, nesta, ele fica exatamente no ponto dos bondes do Jardim Botânico.

Lá se reúne tudo o que há de mais curioso na cidade. São as damas elegantes, os moços bonitos, os namoradores, os amantes, os badauds, os camelotse os sem-esperança.

Acrescem para dar animação ao local, as cervejarias que há por lá, e um enorme hotel que diz comportar não sei quantos milheiros de hóspedes.

Nele moram vários parlamentares, alguns conhecidos e muitos desconhecidos. Entre aqueles está um famoso pela virulência dos seus ataques, pela sua barba nazarena, pelo seu pince-nez e, agora, pelo luxuoso automóvel, um dos mais chics da cidade.

Há cerca de quatro meses, um observador que lá se postasse, veria com espanto o ajuntamento que causava a entrada e a saída desse parlamentar.

De toda a parte, corria gente a falar com ele, a abraçá-lo, a fazer-lhe festas. Eram homens de todas as condições, de todas as roupas, de todas as raças. Vinham os encartolados, os abrilhantados, e também os pobres, os malvestidos, os necessitados de emprego.

Certa vez a aglomeração de povo foi tal que o guarda civil de ronda compareceu, mas logo afastou-se dizendo:

- É o nosso homem.

Bem; isto é história antiga. Vejamos agora a moderna. Atualmente, o mesmo observador que lá parar, a fim de guardar fisionomias belas ou feias, alegres ou tristes e registrar gestos e atitudes, fica surpreendido com a estranha diferença que há com aspecto da chegada do mesmo deputado. Chega o seu automóvel, um automóvel de muitos contos de réis, iluminado eletricamente, motorista de fardeta, todo o veículo reluzente e orgulhoso. O homem

salta. Para um pouco, olha desconfiado para um lado e para outro, levanta a cabeça para equilibrar o pince-nez no nariz e segue para a escusa entrada do hotel.

Ninguém lhe fala, ninguém lhe pede nada, ninguém o abraça - por quê?

Porque não mais aquele ajuntamento, aquele fervedouro de gente de há quatro meses passados?

Se ele sai e põe-se no passeio à espera do seu rico automóvel, fica isolado, sem um admirador ao lado, sem um correligionário, sem um assecla sequer. Por quê? Não sabemos, mas talvez o guarda civil pudesse dizer:

- Ele não é mais o nosso homem.

Vida urbana, 26-6-1915

Disponível em:

<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/LimaBarreto/cronicas/indice.htm>

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 1

Habilidade trabalhada

Empregar adequadamente a linguagem e os fatores de textualidade como clareza e objetividade.

TEXTO GERADOR II

Euclides, terminada essa tarefa em São José do Rio Pardo, continua como engenheiro da Superintendência de Obras e tem o desejo de editar Os sertões. Um amigo de São Paulo, engenheiro como ele e também membro desta Casa, Garcia Redondo, o apresenta a Lúcio de Mendonça, fundador desta Casa, que o encaminha à Casa Laemmert, que era uma grande

editora da época. Ela tinha um insucesso com livro semelhante, As marinhas de outrora, do Visconde de Ouro Preto, e só se dispôs a fazer a edição com Euclides financiando a obra, o que realmente ele fez. E num determinado momento, ele veio rever as provas e ficou horrorizado com os erros que havia no texto, e segundo a crônica, ele, de canivete, corrigiu todos os volumes da obra.

Euclides era de um temperamento instável, muito nervoso, muito tímido, tinha um grande receio sobre o sucesso da obra. Então, quando soube que a obra ia ser publicada, como engenheiro, passou uma semana nas tarefas de engenheiro em cidades do interior. Ele volta, um dia chega na estação da estrada de ferro de Lorena e encontra uma pessoa com um livro na mão, ele pergunta: - É Os sertões? - Era Os sertões. E chegando em casa, encontra duas cartas do editor. Ele abre a segunda, que dizia que o livro tinha sido sucesso e que ia preparar a reedição, enquanto a primeira, que era a anterior, dizia que o livro tinha sido um fracasso, nem como papel velho os comerciantes queriam vender. E, realmente, o sucesso foi muito grande.

Outro aspecto meio incerto é sobre a data da saída de Os sertões. Há depoimentos em que Euclides da Cunha estava muito preocupado que o livro saísse no dia 1º de dezembro, que coincidia com a chegada do Barão do Rio Branco, depois do período muito grande que este passou no exterior, e estava sendo recepcionado com todas as honras de Estado. Então, ele mantém essa recepção.

Muitos dizem que o livro foi publicado a 2 de dezembro. Entretanto, no dia 3 de dezembro, quer dizer, no dia seguinte, José Veríssimo fazia uma crônica, uma recensão sobre o livro, das mais elogiosas. Então, eu me filio ao que afirma Olímpio Souza Andrade: que Os sertões foram editados no final de novembro, e talvez a data tenha sido antecipada justamente para não coincidir com a chegada do Barão do Rio Branco. O fato é que é um sucesso muito grande. Os três grandes críticos da época - Silvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo - tecem loas ao livro como uma obra excepcional. Alguns críticos militares também elogiam a obra, às vezes com alguma restrição, e logo em seguida, sai a segunda edição. O livro hoje deve estar na 32ª edição. Como

caiu em domínio público, há várias edições que não são do editor original, que era a Livraria Francisco Alves, que adquiriu o acervo da Editora Laemmert.

O que é que o livro Os sertões tem de fundamental? Por que essa obra até hoje permanece como um dos grandes livros, e é sempre considerada quando se fala nos dez melhores livros da literatura brasileira? Os sertões se coloca quase sempre em primeiro lugar. Primeiro, é obra de um homem de formação científica. A literatura brasileira, até então, era toda marcada pelo beletrismo, pela formação dos autores que se filiavam à literatura francesa, e Euclides traz esse fato novo, que é um homem de formação científica. Se ele não tivesse tido essa formação científica, não seria capaz de escrever Os sertões. Outro aspecto é que foi esquecida, pela primeira vez, a civilização litorânea, aquilo que frei Vicente do Salvador dizia: que nós vivíamos como uns caranguejos, arranhando as areias. É o homem que revela um outro Brasil desconhecido, que era o Brasil do sertão, o Brasil das regiões mais pobres e o Brasil realmente da miséria.

Eu acharia importante, antes de continuarmos analisando Os sertões, falar nas críticas que, de certa maneira, têm sido feitas ultimamente a respeito do livro, a meu ver, sem a menor procedência. A primeira crítica que se faz começou com João Ribeiro e foi acompanhada pelos membros da Academia, Afrânio Coutinho e José Guilherme Merquior: Os sertões é uma obra de ficção. Admira-me que pessoas de certa cultura possam ver em Os sertões uma obra de ficção, porque o livro não tem nada de ficção, é um livro de História, é um livro de ensaio, é um livro de interpretação do Brasil.

Franklin de Oliveira, no livro A dança das letras, realmente faz uma análise completa, mostrando que o livro não é um romance, não tem nada de ficção, e dá a denominação que, a meu ver, parece a denominação mais adequada, que é a denominação “ensaio de caráter histórico”, comparando-o de certa forma, e acho que com procedência, com o Casa Grande & Senzala, do Gilberto Freyre.

Outro aspecto, que hoje já está menos discutido, é o problema de que seria uma obra de colaboração. Então, falava-se que Teodoro Sampaio fez o livro junto com Euclides da Cunha. Esse também é um episódio que não tem a menor procedência. Euclides da Cunha, com o seu rigor

científico, com o seu zelo, com a sua dignidade, realmente procurou acercar-se de todos os elementos que havia. O livro está baseado nos viajantes estrangeiros e Euclides se apoiou muito nos trabalhos de Teodoro Sampaio sobre a geologia do sertão brasileiro e sobre vários outros aspectos. E Teodoro Sampaio, que fez um perfil muito interessante de Euclides da Cunha, nunca levantou ou procurou se arrogar o direito de ter sido o colaborador de Os sertões.

Outro aspecto bem mais atual é o aspecto das críticas que se fazem à ciência de Euclides da Cunha. Euclides da Cunha, em Os sertões, defende o autoctonismo do homem americano, defende o malefício da mestiçagem e defende o predomínio da raça branca sobre a raça negra. O que esses críticos se esquecem é que, naquela época, era a ciência da época. Hoje, evidentemente, essas teorias estão todas ultrapassadas. Mas, naquela época, era a teoria oficial, a ciência que havia no seu tempo e que não tinha sido modificada pelas descobertas de tempos posteriores. E nesse aspecto, há um estudo publicado na Revista Brasileira, chamado “Fundamentos científicos de Os sertões”, em que o autor consultou vários cientistas do campo da zoologia, da geologia, da meteorologia, e todos eles foram unânimes em dizer que a ciência que Euclides divulgou nesse livro era justamente a melhor ciência da época, correspondente ao desenvolvimento então existente.

Com a publicação de Os sertões, Euclides da Cunha é eleito para as duas grandes instituições culturais do Brasil na época, que eram o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras. No Instituto Histórico, ele toma posse logo no ano de 1903 e este discurso muito interessante revela um profundo desencanto com a República. Ele realmente achava que a República tinha falhado em seus objetivos, os líderes republicanos tinham se tornado simples interessados em problemas pessoais, exportando, ele manifestava, de maneira patente, a sua desilusão, utilizando até uma frase curiosa, que ele se considerava “um grego transviado nas ruas de Bizâncio”.

E a respeito desse discurso, o acadêmico Francisco de Assis Barbosa fez uma conferência no centenário de Euclides da Cunha chamada “A marca de um drama”, mostrando que o drama de Euclides da Cunha não foi só o de sua vida atribulada, mas foi o drama do desencanto com a República. São dois dramas que se conjugam.

Na Academia Brasileira, só vai tomar posse em 1906, em virtude da viagem ao Purus, sobre a qual nós falaremos em seguida. É interessante, na correspondência, ver a inquietação que ele manifestava com a possibilidade de ser derrotado. Ele teve 23 votos contra 6 votos de Domingos Olímpio e outros votos reduzidos, e quando foi eleito, teve orgulho dessa eleição. Escrevendo ao pai, dizia que ela mostrava o bom caminho que o pai lhe tinha ensinado e ele tinha sido eleito com as grandes figuras do Brasil, Machado de Assis e o Barão do Rio Branco.

Trecho da transcrição da palestra de Alberto Venâncio Filho sobre Euclides da Cunha –

Gravado em 03/06/2003

Disponível em:

http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=euclidesdacunha&inford=147&sid=70

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Segundo o autor, a denominação mais adequada ao livro de Euclides “Os Sertões” seria um livro de ensaio. Que argumentos o autor se utiliza para defender esse ponto de vista? Esses argumentos são consistentes? Justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a importância dos argumentos para a defesa e consistência dos pontos de vista defendidos.

Resposta comentada

O aluno deverá perceber que, segundo o autor, o livro é um ensaio, uma interpretação da História do Brasil. O autor comprova esse argumento com base no estudo feito por Franklin de Oliveira, que mostra que o livro não possui características do romance, nem de ficção, denominando então como livro de ensaio histórico, comparando-o, inclusive, com

outras obras que seguem o mesmo estilo. Essa informação pode ser obtida no 6º parágrafo, onde o autor sustenta sua opinião com base na análise de outro crítico renomado.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Argumentar é a capacidade de relacionar fatos, teses, estudos, opiniões, problemas e possíveis soluções a fim de embasar determinado pensamento ou ideia. Já um contra-argumento, também conhecido como retribuição, é uma **objeção**. Um contra-argumento pode ser usado para rebater uma objeção a uma **premissa**, **contenção principal** ou **lema**.

No parágrafo 9, o autor defende Euclides das críticas sobre as teorias científicas defendidas por ele. Para isso, o autor se utiliza de um contra-argumento. Identifique-o no parágrafo.

Habilidade trabalhada

Diferenciar os tipos de argumento: tese, argumento de contra-argumento.

Resposta comentada

Os alunos devem perceber que o autor comprova que a ciência em que se baseou o autor de Os sertões foi a ciência da época, ou seja, o que no seu tempo era tido como oficial, mas que veio a ser modificada posteriormente por novos estudos. Para fundamentar sua fala, o palestrante se utiliza de uma publicação da Revista Brasileira intitulada “*Fundamentos científicos de Os Sertões*”.

Justificativa para as questões criadas:

O primeiro texto gerador, a crônica, foi utilizado mais uma vez no bimestre pelo fato de os alunos não se sentirem seguros ao trabalhar com este gênero. Dessa maneira, observou-se a necessidade de mais uma vez utilizá-lo.

As questões criadas a partir do currículo mínimo visavam abranger a necessidade da turma e as dificuldades encontradas na avaliação final do roteiro anterior (adaptado).

O texto gerador II serve de base para a atividade de produção textual, principalmente por se tratar de um gênero próprio do discurso oral.

Foram utilizadas questões objetivas bem como as discursivas, para que os alunos treinem os tipos de comandos.

FONTES DE PESQUISA BIBLIOGRÁFICA:

Sites pesquisados

http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=euclidesdacunha&inoid=147&sid=70

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Contra-argumento>

<http://www.infoescola.com/redacao/argumentacao/>

Livros Didáticos

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Literatura Brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995